



OPOSITORES

AUTORA BEST-SELLER AMAZON

ANNA ANDRADE

OPOSITORES

AUTORA BEST-SELLER AMAZON

ANNA ANDRADE



Para Iago Fillipi, que sempre
desperta em mim o espírito de
Opositora.



Sumário

Prólogo.....	9
Capítulo 1.....	15
Capítulo 2.....	22
Capítulo 3.....	33
Capítulo 4.....	36
Capítulo 5.....	43
Capítulo 6.....	52
Capítulo 7.....	61
Capítulo 8.....	68
Capítulo 9.....	79
Capítulo 10.....	88
Capítulo 11.....	97
Capítulo 12.....	107
Capítulo 13.....	115
Capítulo 14.....	124
Capítulo 15.....	130
Capítulo 16.....	142
Capítulo 17.....	145
Capítulo 18.....	150
Capítulo 19.....	159
Capítulo 20.....	162
Capítulo 21.....	171
Capítulo 22.....	177
Capítulo 23.....	186
Capítulo 24.....	198
Capítulo 25.....	204
Capítulo 26.....	212
Capítulo 27.....	219

Capítulo 28.....	235
Capítulo 29.....	243
Capítulo 30.....	250
Capítulo 31.....	253
Capítulo 32.....	262
Capítulo 33.....	272
Capítulo 34.....	280
Capítulo 35.....	286
Capítulo 36.....	292
Capítulo 37.....	297
Capítulo 38.....	299
Capítulo 39.....	307
Capítulo 40.....	311
Capítulo 41.....	320
Capítulo 42.....	328
Capítulo 43.....	335
Capítulo 44.....	341
Capítulo 45.....	345
Capítulo 46.....	353
Capítulo 47.....	359
Capítulo 48.....	365
Ordem cronológica do universo de Elegidos.....	372
Trecho de Paixão sob as Estrelas	373
Trecho de Estava com Saudade	378
Avalie o livro.....	380
Sobre a autora.....	381

**CONFIE EM
ALACAN SATRU**



*O que aconteceu com a Área
71? Você endoidou?*



Mensagem enviada para dispositivo
não rastreado.

Prólogo

Bruna

O fim estava próximo, talvez escrito por alguém pessimista disposto a mostrar a verdade ao mundo. A instabilidade política, que reinava durante meses, destruía a Oposição e fortalecia os Aliados, além de mover multidões que compartilhavam nas redes sociais pensamentos questionáveis.

Ainda que ninguém pudesse confirmar a origem do problema, a solução apareceu em diversas etapas. Cada Área escolhera a sua, desde camuflar a iminente guerra com avanços tecnológicos até fornecer toneladas de suprimentos para ter acesso a locais geográficos favoráveis.

Bruna Carvalho vivia os piores dias de sua vida. Mesmo com memórias tristes da infância no interior da Área 71 — as brigas em casa e os constantes assaltos no bairro —, jamais cogitara conviver com a assombração do medo e da morte. Ao pensar no próprio *fim*, o corpo dela paralisava. Existiam questões com as quais nunca se habituaria. Sentia que, se estivesse em um filme de terror, seria a primeira personagem a morrer, parecia destinada a isso.

Após a perda da mãe, ela se manteve em casa a maior parte do tempo para sobreviver, sustentada com as economias de seu último salário. Mas a quantidade ínfima de orbis já chegava ao fim, era o suficiente para mais uma semana. O restaurante em que trabalhara estava sob vigilância governamental, assim como os demais estabelecimentos na capital. Havia olhos em todos os lugares, nunca foi tão importante saber o que o outro pensava. Era esse medo que dividia a vida dos Opositores e dos Simpatizantes.

Quem iria às ruas? Quem arriscaria a segurança por uma caminhada matinal ou para comprar suprimentos? A comida era vendida e distribuída pelo governo, os estabelecimentos do ramo alimentício eram fiscalizados para cumprir a esse propósito. Assim era com o restaurante da dona Regina, onde se produziam as comidas para serem

entregues sem que ninguém precisasse sair de casa. A população tinha que sentir a pressão na pele, entender quem estava no poder.

Bruna não encontrava outros motivos plausíveis para a repressão que viviam; mas, se houvesse, ela preferia permanecer na ignorância, afinal estava em uma ditadura.

Não existia mais nada para se admirar na capital. Os prédios modernos com fachadas elegantes ganharam o símbolo do sabiá-laranjeira. A bela ave, que antes remetia à extinta fauna da Área, agora significava opressão — o símbolo do medo de milhões de pessoas. Um simples broche na roupa mostrava autoridade, o cidadão inteligente deveria temer.

Apesar de toda a situação política da Área em que vivia, Bruna nunca se interessou pelo tema, evitava inclusive ver os jornais. O trabalho e o curso de arquitetura lhe tomavam todo o dia. As desculpas dela cresceram, assim como o poder do presidente — por mais irônico que fosse juntar as palavras “poder” e “presidente” na mesma frase.

Sem que o povo percebesse, um grupo de políticos ambiciosos no governo do presidente da Área 71 se mobilizou para ajudá-lo a tomar posse da região. Sozinho, o aliado fiel de Edgar não teria conseguido dar esse golpe. A população, por sua vez, submissa às ideologias de Edgar por anos, se sujeitava a ser coadjuvante da própria história. Apesar de a ditadura ter quebrado o monopólio da Área 90, o local se tornou uma extensão dela, porém com um viés mais extremista.

Tudo aconteceu de uma hora para outra aos olhos de Bruna. Em um momento, havia a Oposição clara, em outro, qualquer um que desobedecesse às novas leis sumia do mapa. O presidente não queria que houvesse dúvidas quanto à sua real intenção: a população precisava saber a quem devia temer, uma escolha vista por ele como melhor do que ser amado.

A maioria dos vizinhos de Bruna não se importou com a nova rotina. Ela nunca presenciara uma repreensão na sua rua, em especial porque seu bairro Simpatizante compartilhava os ideais do governo. Alguns dos moradores faziam parte dos apoiadores do presidente e usavam suas armas para intimidar os supostos Opositores. Os que se declaravam inimigos da nação não tinham coragem de permanecer na Área, mas Bruna os entendia: pouquíssimos estavam dispostos a morrer pela revolução.

A primeira pessoa desaparecida no círculo social dela foi sua própria mãe. Diferentemente da filha, a mulher se envolvia em movimentos democráticos contra o governo. No dia do acidente na prefeitura, vários manifestantes nunca mais voltaram para

casa. Bruna aguardara pela mãe até as três da madrugada, esperançosa de que houvesse alguma reunião do grupo. Aquele fora o primeiro degrau da negação.

Às seis da manhã, Levi batera na porta da casa com a notícia de que a mãe de Bruna estava entre os manifestantes desaparecidos. O líder do movimento usava uma roupa amarrotada, mas sem vestígios de sangue. E por que haveria? Bruna não conseguia pensar na possibilidade de alguém sumir sem lutar. Eles não eram a resistência? Onde estivera a polícia durante a confusão?

Antes que ele pudesse responder, Bruna o silenciara com um olhar perdido.

— Levi, não vi nenhuma morte por parte dos manifestantes — ela dissera. — Procurei em vários canais do projetor, e só havia informação sobre quem se feriu no desabamento...

— Eles só vão dizer o que deve ser dito. O que precisamos saber. — Levi dera um suspiro cansado. Estava entediado de repetir aquele mesmo ponto em seus discursos. — Como Ma...

— Não pronuncie o nome dela. Você a colocou nisso, a tirou do trabalho para encher a cabeça dela de coisas que nos trouxeram problemas. Onde ela está? Para onde levaram a minha mãe?

— Estamos atrás de todos os manifestantes desaparecidos. Assim que souber de alguma notícia, vou mandar alguém para te avisar, enquanto isso recomendo que fique em casa. A situação vai piorar. — Ele abaixara a cabeça e colocara as mãos no moletom largo. — Esqueça a polícia, se eles souberem que é filha de uma de nós, também darão um jeito em você. A capital tem muitos deles, estão camuflados e são espertos.

— Não peço muito, na verdade é o mínimo que mereço. Quero respostas e, se tiver que procurar pela polícia, vou procurar.

A conversa terminara graças ao som de tiros em série, mobilizando tanto ela quanto Levi. O barulho dos disparos não havia atingido as entranhas da região, mas era profundo. Levi parecia mais convencido daquilo que estava por vir: o medo e a repressão. O olhar dele dizia mais do que as esperanças que os rebeldes tinham depositado na mãe de Bruna.

Ela se agachara por reflexo e cobrira as orelhas com as mãos trêmulas, como se repelir o som a ajudasse a sair do conflito, mas os tiros eram reais.

— É sério, Bruna. A polícia está limpando as ruas, e a lavagem cerebral vai cair matando... — Levi se mantivera estático, fitando a janela. — No nível de nos colocar em

uma sala e nos obrigar a mudar de ideia. Com certeza o governo mandou matar algumas pessoas de forma silenciosa.

Bruna pigarreara.

— Fica calma, não havia ninguém me seguindo quando cheguei ao térreo.

— Isso não pode ser real. — Ela se levantara ao vê-lo passivo, massageando os braços para disfarçar a aflição.

— Tem Simpatizantes em todos os lugares. A cada dia, pessoas comuns começam a apoiar o presidente por acreditar nas mentiras dele. O risco que sua mãe enfrenta sozinha não vai compensar a decepção. Eles não vão liberá-la porque a filha apareceu.

Bruna não perguntara mais nada e o mandara embora após o tiroteio. A imaginação a atormentava com as teorias de onde estaria sua mãe. Era uma tortura pensar que ela podia estar presa em uma cela à espera da morte, com objetos cortantes lhe sendo enfiados no corpo em troca de delações.

Um dia depois, mandaram uma pessoa lhe contar sobre o que não passara em nenhum projetor: os corpos dos manifestantes foram achados na margem do rio Tietê. Havia fotos para que os parentes reconhecessem seus familiares, mas Bruna se recusara a vê-las. Não queria acreditar que sua mãe estava morta, o brilho dela precisava existir.

As palavras de Levi se fixaram na cabeça dela pelas semanas seguintes e se provaram fatos. Alguns vizinhos foram levados em caminhões, presos como se tivessem cometido o crime mais perverso do mundo — seja lá qual fosse. Ninguém gritava na captura, já que a pistola apontada para as cabeças os impedia de falar sem permissão.

Bruna não era a única que observava o movimento da rua pela janela, ela se encaixava no grupo de milhões que não tinha condições de migrar. Os vizinhos que puderam partir, por se recusarem a permanecer sob o medo, venderam o que tinham para sair da Área. O presidente até estimulava que o fizessem, era aceitar as mudanças ou partir. Quem vivia na fronteira não pensou duas vezes, mas grande parte da população morava perto do oceano, o que impossibilitava o traslado por lugares secos e radioativos nas divisas com as outras Áreas.

Para os moradores da Área 71, a rotina era limitada entre trabalho e casa. Depois de algumas semanas, Bruna passou a sair ainda menos conforme o número de desaparecidos alavancava. A mídia continuava à mercê do governo, mas Bruna percebia o estrago pelas

pessoas que a cumprimentavam na rua: em um dia estavam lá, e no outro não mais. Nunca mais.

Até que decidiu ficar em completo isolamento. O processo funcionou de forma gradativa, em uma semana ela deixara de ir trabalhar. Sem que percebesse, passou a sequer pisar no corredor do prédio. Vivia como uma morta-viva no apartamento de trinta metros quadrados, fitando a parede e observando a janela. Às vezes, ligava o projetor para se entreter. Os novos programas seguiam a linha do governo, enquanto os antigos foram reavaliados e, na maioria dos casos, censurados.

Temia que a conta de energia fosse alta e que não pudesse pagá-la. Os minutos com os aparelhos ligados tinham que ser bem aproveitados. O aluguel do local estava atrasado, mas era provável que o proprietário estivesse entre os desaparecidos, já que não lhe mandara uma notificação ou uma ordem de despejo.

Num dia — como qualquer outro — alguém a olhou do outro lado da rua. Como a pessoa ficava na penumbra do prédio da frente, Bruna não conseguia identificá-la. Não sabia se era do movimento de Levi ou do governo. Naquele instante, não sabia em quem confiar ou o que deveria fazer.